

22/01/2025 18:27:00 - AE NEWS

A+ A-

**CENÁRIO-2: DÓLAR FECHA NO MENOR VALOR EM 2 MESES COM APOSTA EM SUAUIZÃO DE TRUMP SOBRE TARIFAS**

O dólar até ganhou um pouco de fôlego durante a tarde contra o real, seguindo o sinal externo, mas ainda assim manteve a tendência de queda que o levou ao menor fechamento em dois meses. Aos R\$ 5,9465 (-1,40%) no fechamento à vista, a moeda americana encerrou no mais baixo nível desde 27 de novembro (R\$ 5,9135). Por trás desse movimento, a aposta que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, vai adotar tarifas de um modo "light", direcionado e estratégico, após mencionar uma alíquota de 10% contra a China em 1º de fevereiro. Na campanha, vale lembrar, ele falou até em 60% de taxa contra produtos chineses. Há também uma correção dos exageros recentes, o que foi visto também na curva de juros local e, no caso da Bolsa, com mais vigor na semana passada. Hoje, o índice acionário caiu 0,30%, aos 122.971,77 pontos, com queda forte de Vale (-2,52%) e baixas de Petrobras (ON -1,01% e PN -0,56%) como principais drivers. Lá fora, o ímpeto de ações de tecnologia com anúncios do novo governo americano e balanços positivos fez com que o S&P 500 tocasse o recorde histórico durante a sessão, em que subiu 0,61%.

- [CÂMBIO](#)
- [MERCADOS INTERNACIONAIS](#)
- [BOLSA](#)
- [JUROS](#)

**CÂMBIO**

A avaliação dos investidores de que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, será mais comedido e estratégico na adoção de tarifas de importação - usando-as como ferramentas para atingir os objetivos do governo, e não como armas numa guerra comercial - diminuiu a percepção sobre os riscos à economia global e beneficiou principalmente as moedas de países emergentes exportadores de commodities. O dólar, porém, caiu mais na comparação com o real que em relação aos pares da moeda brasileira, fechando abaixo dos R\$ 6,00 pela primeira vez em mais de um mês e no menor nível desde o final de novembro.

O dólar à vista caiu 1,40% no mercado à vista, para R\$ 5,9465 - menor nível de fechamento desde 27 de novembro, quando a moeda encerrou o pregão a R\$ 5,9135. Além disso, foi a maior queda do dólar no fechamento em termos percentuais desde 19 de dezembro, quando a moeda caiu 2,27%, a R\$ 6,1237.

No mercado futuro, o contrato da moeda para fevereiro tinha queda de 1,42% por volta das 17h20, a R\$ 5,9510.

Na mínima da sessão, o dólar à vista chegou a R\$ 5,9165 - menor taxa intradia desde 12 de dezembro. Já o dólar futuro tocou R\$ 5,9255.

Ontem à noite, Trump indicou que pretende taxar em 10% as importações de produtos chineses. O número surpreendeu, dado que durante a campanha ele chegou a prometer taxaço de até 60%. Além disso, uma reportagem do Wall Street Journal apontou que o objetivo de Trump ao taxar produtos do México e Canadá era antecipar de 2026 para 2025 a negociação do acordo de livre-comércio entre estes dois países e os Estados Unidos.

Segundo Luciano Costa, economista-chefe e sócio da Monte Bravo Investimentos, as notícias se

alinham à percepção de uma abordagem menos bélica e mais estratégica da Casa Branca.

"Vem em linha com uma percepção que ficou depois da posse, dos discursos, de que as tarifas vão ser usadas muito mais como ferramenta de negociação do que simplesmente em uma guerra comercial aberta. A sensação de que o aumento de tarifas está com esse papel, defendido pela parte mais moderada da equipe econômica do Trump, está deixando o mercado com menos risco", disse.

"Com tarifas mais brandas, o impacto inflacionário fica mais limitado e reabastece a discussão de que o Fed possa cortar juros, com dólar mais fraco ao longo do tempo, e abre espaço para as moedas diminuírem um pouco a pressão que existia", acrescentou.

Matheus Massote, sócio da One Investimentos, ressalta que a percepção de que a política tarifária de Trump não será tão dura é relevante também porque afeta diretamente a expectativa em torno do resultado da balança comercial.

Ele aponta que, depois da piora na taxa de câmbio no final do ano passado em função de receios com a sustentabilidade das contas públicas e de fatores sazonais, como as remessas de capital de empresas ao exterior, a diminuição da percepção de risco colabora para que os investidores prestem mais atenção aos fundamentos - o que, no momento, favorece o real diante da forte depreciação observada em dezembro.

"A inflação não explodiu. Com os juros altos, a preocupação é com recessão no segundo semestre, não com a escalada da inflação. O Banco Central vem firme nos juros e, quanto mais perto estivermos da queda dos juros longos, mais isso propicia a entrada de estrangeiros para carry-trade", afirmou.

Um outro fator que colaborou com a queda do dólar hoje foi a velocidade das perdas e o rompimento de níveis psicológicos relevantes - como a barreira dos R\$ 6. "Havia uma posição técnica muito assimétrica. O mercado estava apostando em depreciação [de real]. Quando rompe determinados níveis, vem a zeragem destas posições", disse Costa, da Monte Bravo.

O caminho para um real mais valorizado, porém, ainda pode enfrentar obstáculos. Segundo Glauy Lima, gestora de câmbio da Fair Corretora, o fluxo de dólares para fora do Brasil ainda é relativamente grande.

"Há muita gente muito insegura com questões políticas. Entre os brasileiros ainda está saindo mais dinheiro do que entrando, vemos isso pelo fluxo da carteira de clientes. E na parte de turismo, tinha-se uma perspectiva de aumento [no ingresso de dólares] em janeiro e fevereiro, mas também não está entrando pagamento de estrangeiros", afirmou.

O fluxo cambial do Brasil foi negativo em US\$ 3,804 bilhões de 1º a 17 de janeiro, segundo dados preliminares divulgados nesta quarta-feira pelo Banco Central. O canal financeiro teve saída líquida de US\$ 2,127 bilhões. O comercial, saldo negativo de US\$ 1,677 bilhão. Os números porém, são anteriores à posse de Trump, no dia 20. E, na semana passada apenas, o fluxo foi positivo em US\$ 806 milhões. (Gustavo Nicoletta - gustavo.nicoletta@estadao.com)

## 18:27

<b>Dólar (spot e futuro)</b>	<b>Último</b>	<b>Var. %</b>	<b>Máxima</b>	<b>Mínima</b>
Dólar Comercial (AE)	5.94650	-1.3962	2.00000	5.91650
Dólar Comercial (BM&F)	5.5866	0		
DOLAR COMERCIAL FUTURO	5954.500	-1.3584	6030.000	5925.500

DOLAR COMERCIAL FUTURO 5972.000 -2.0261 6054.500 5968.000

## [Volta](#)

### **MERCADOS INTERNACIONAIS**

Após perdas pela manhã, dólar voltou a avançar ante rivais fortes nesta tarde, com novas ameaças tarifárias do presidente dos EUA, Donald Trump, - desta vez contra a Rússia. A fala soma-se ao seu discurso de ontem a noite, quando o republicano advertiu sobre a imposição de uma tarifa de 10% sobre os produtos chineses, o que limitou o cobre na sessão. Já o petróleo ficou pressionado pelos planos do novo presidente de aumentar a produção de energia no país e os juros dos Treasuries avançam, corrigindo parte das perdas recentes. Em Nova York, destacava-se o ímpeto das ações de tecnologia e os resultados da temporada de balanços corporativos.

Segundo o Commerzbank, nenhum país deve se sentir muito seguro quando se trata dos planos tarifários de Trump. Hoje, foi a vez da Rússia. O republicano ameaçou nesta tarde impor sanções e tarifas para exportações russas se não houver acordo para encerrar o "ridículo" conflito na Ucrânia. As declarações chegaram a dar novo ímpeto ao dólar americano, que continua a pesar sobre outras moedas, apoiado pelas próximas políticas comerciais do presidente recém empossado, em particular o México e Canadá, diz a Sucden Financial. Por volta das 18h (de Brasília), o dólar se valorizava a 1,4387 dólar canadense, mas aliviou a pressão no México, e caía a 20,5077 pesos mexicanos.

O UniCredit acredita que a divisa americana pode cair se as tarifas comerciais propostas pelo republicano se mostrarem menos duras do que ele está ameaçando. O índice DXY, que mede o dólar ante uma cesta de pares fortes, teve alta de 0,09%, a 108,167 pontos. Na Europa, a libra caía a US\$ 1,2321 e o euro se depreciava a US\$ 1,0417.

Em Davos, o presidente da Argentina, Javier Milei, evitou descartar uma eventual saída do Mercosul se necessário para avançar em acordo de livre-comércio com os Estados Unidos. "Se a condição extrema for essa, sim", respondeu, após uma pausa, mas ponderou: "há mecanismos que podem ser usados mesmo dentro do Mercosul".

Em Wall Street, a alta do Nasdaq foi impulsionada pelos resultados trimestrais da Netflix (+9,6%), que surpreendeu as estimativas dos analistas. As ações voltadas a inteligência artificial continuaram o rali de ontem, ainda repercutindo o anúncio de Donald Trump de um investimento de aproximadamente US\$ 500 bilhões em infraestrutura para IA. Os papéis da Oracle e SoftBank avançaram 6,7% e 11,6%, respectivamente. O índice Dow Jones subiu 0,30%, aos 44.156,30 pontos, o S&P 500 avançou 0,61%, aos 6.086,31 pontos e o Nasdaq teve alta de 1,28%, aos 20.009,34 pontos.

Os rendimentos dos Treasuries também subiam no dia de hoje, após amargar perdas na sessão anterior. O retorno da T-note de 2 anos subia a 4,293%. O da T-note de 10 anos avançava a 4,600% e o do T-bond de 30 anos tinha ganhos a 4,816%. Todavia, é provável que os juros do Tesouro americano caiam este ano, já que as tarifas de Trump podem não ser inflacionárias, como temem alguns analistas, diz Talley Leger, do The Wealth Consulting Group.

Ainda no aspecto das tarifas, as ameaças impostas à China fizeram o cobre fechar em queda de quase 1%. Já o petróleo ficou pressionado pelo temor de superprodução da commodity, embora as ameaças de Trump à Rússia tenham contido as perdas. Em memorando publicado há pouco, o presidente destacou o impacto das políticas de Joe Biden no aumento de custos energéticos. O petróleo WTI para março fechou em queda de 0,51% (US\$ 0,39), a US\$ 75,44 o barril, enquanto o Brent para mesmo mês recuou 0,36% (US\$ 0,29), a US\$ 79,00 o barril. (Thais Porsch - thais.porsch@estadao.com)

## [Volta](#)

## BOLSA

Vindo de três altas consecutivas, o Ibovespa permaneceu em margem de variação restrita neste meio de semana, de 940 pontos entre a mínima (122.925,68) e a máxima (123.865,07) da sessão. Após indecisão entre leves ganhos e perdas, e sem se distanciar muito da estabilidade, o índice da B3 tentou se firmar em alta na etapa vespertina, mas acentuou um pouco as perdas em direção ao fechamento, cedendo 0,30%, aos 122.971,77 pontos. Após duas sessões de giro bem fraco, o volume financeiro subiu para R\$ 19,2 bilhões. Na semana, o Ibovespa avança 0,51%.

No acumulado do ano, o fluxo de capital externo está positivo em R\$ 3,725 bilhões na B3, conforme dados atualizados até o dia 20. Esta recuperação de fluxo contribui para a relativa melhora do Ibovespa, que acumula ganho de 2,24% em janeiro, comparado a uma perda de 4,79% no mesmo mês do ano passado.

Com efeito também para a cotação do real frente à moeda americana, o fluxo positivo de investimentos estrangeiros para a B3 começou a se intensificar entre os dias 13 e 15 de janeiro, diz Anilson Moretti, head de câmbio da HCI Invest. "Essa movimentação positiva, aliada à atuação do Banco Central com leilões diretos, tem ajudado a conter pressões sobre o valor do dólar", acrescenta. Nesta quarta-feira, o dólar fechou em queda de 1,40%, abaixo de R\$ 6, a R\$ 5,9465.

"Todo mundo tinha expectativa sobre o que o novo governo dos Estados Unidos poderia fazer, se também afetaria o Brasil com algum tipo de tarifa, de forma direta. Como isso não aconteceu até o momento, há uma realização forte [no câmbio], principalmente depois que o dólar perdeu a linha psicológica de R\$ 6", diz Alison Correia, analista e sócio-fundador da Dom Investimentos.

A recente correção no câmbio deriva também de alguma acomodação no exterior, com efeito para moedas de emergentes, em meio a um começo de governo Trump, até aqui, sem medidas protecionistas da envergadura prometida na campanha eleitoral e na transição para a nova administração republicana. "Trump tem sinalizado que vai tarifar a China em 10%, e talvez isso comece em fevereiro, com efeito para os preços das commodities por lá", acrescenta Correia.

No Brasil, "a agenda doméstica continua esvaziada e o foco permanece voltado para as tarifas de comércio exterior nos Estados Unidos previstas para este início de governo Trump, especialmente para México e Canadá, possivelmente a partir de 1º de fevereiro", diz Gustavo Mendonça, sócio e especialista da Valor Investimentos.

"Amanhã, a participação [virtual de Donald Trump no Fórum de Davos] deve contribuir para que se entenda melhor a política tarifária", avalia Mendonça, referindo-se também à falta de catalisadores domésticos para orientar os negócios. "Na próxima semana tem o Copom, mas já precificado para um novo aumento de 100 pontos-base, ou 1 ponto porcentual, na Selic nesta reunião", diz.

"O 'benefício da dúvida' enfraquece o dólar, mas a volatilidade tende a permanecer. O presidente [Trump] continua a falar de medidas potencialmente inflacionárias, como as tarifas de importação. Assim, após novas falas sobre taxaço de produtos chineses, os rendimentos dos Treasuries de 10 anos apresentaram alta. No Brasil, o mercado aguarda também dados de arrecadação federal para avaliar a situação fiscal - que continua sendo um dos grandes riscos para o real no curto prazo", aponta Paula Zogbi, gerente de Research da Nomad.

Na B3, nesse contexto ainda de incerteza, o viés de baixa prevaleceu na sessão para as ações de maior peso e liquidez, com destaque para Vale (ON -2,52%), em dia negativo para o minério de ferro na China, e para Bradesco (ON -1,12%, PN -1,37%) entre os maiores bancos, setor em que BB (ON +1,83) e Santander (Unit +1,28%) derivaram para o campo positivo. Petrobras (ON -1,01%, PN -0,56%) acentuou

perdas em direção ao fechamento. Na ponta ganhadora do Ibovespa, destaque para Azul (+6,98%), CVC (+6,36%) e LWSA (+5,66%). No lado oposto, RDSaúde (-4,52%), Brava (-4,13%) e Minerva (-3,42%). (Luís Eduardo Leal - luis.leal@estadao.com)

**18:27**

<b>Índice Bovespa</b>	<b>Pontos</b>	<b>Var. %</b>
Último	122971.77	-0.2972
Máxima	123865.07	+0.43
Mínima	122925.68	-0.33
Volume (R\$ Bilhões)		1.92B
Volume (US\$ Bilhões)		3.21B

**18:26**

<b>Índ. Bovespa Futuro</b>	<b>INDICE BOVESPA</b>	<b>Var. %</b>
Último	123700	-0.3183
Máxima	124755	+0.53
Mínima	123615	-0.39

[Volta](#)**JUROS**

O alívio na curva de juros perdurou no período da tarde, seguindo o mesmo motivo da manhã: a queda acentuada do dólar. No fim da sessão as taxas se afastaram das mínimas intradia por um movimento técnico, mas operadores frisam que a percepção de que o presidente Donald Trump foi mais pragmático sobre tarifas contra a China contribuiu para um alívio nos prêmios de risco a uma semana da decisão do Comitê de Política Monetária (Copom), que deve elevar a Selic em 1 ponto porcentual, conforme forward guidance da última reunião.

"Trump foi menos agressivo e mais pragmático no que diz respeito à questão tarifária", contribuindo para um enfraquecimento do dólar e, conseqüentemente, em um arrefecimento das taxas de contratos de Depósito Interfinanceiro (DI), segundo o estrategista-chefe da corretora Monte Bravo, Alexandre Mathias. "Com certeza o enfraquecimento do dólar é o principal driver para os juros futuros hoje", resume.

Para Mathias, o pragmatismo de Trump - que indicou tarifa de 10% às importações americanas da China a partir de 1º de fevereiro, abaixo dos 60% prometidos em campanha - ocorre porque "seria contraproducente do ponto de vista político e econômico fazer uma medida extremamente inflacionária como essa, considerando que o principal motivo para o republicano ter ganhado a eleição foi a inflação elevada no governo Biden".

O estrategista-chefe da BGC Liquidez, Daniel Cunha, considera que "as imposições de tarifa pelo

governo Trump não devem ser imediatas e serão usadas como instrumento de negociação, o que pode defasar/suavizar suas possíveis execuções e abrir espaço para alívio nas moedas e juros no curto prazo".

Uma reportagem do Wall Street Journal nesta terça-feira apontou que o objetivo de Trump ao taxar produtos do México e Canadá era antecipar a negociação do acordo de livre-comércio entre estes dois países e os Estados Unidos.

Cunha, contudo, frisa que o comportamento do mercado de "tentar tirar muita lição nessas primeiras 48 horas de governo Trump não parece saudável". Para ele, a tendência é de que a administração do republicano ainda deve trazer alguma aversão a risco e, com isso, "países emergentes, principalmente aqueles que não andam com o dever de casa em dia, são mais vulneráveis".

Neste sentido, Mathias, da Monte Bravo, reitera que o fiscal continua como principal assunto doméstico para o Brasil. "Estamos com o fiscal muito fragilizado, e a dívida pública está crescendo de maneira muito mais explosiva do que o esperado. Como as últimas notícias sobre fiscal vieram piores do que o esperado, a ausência de novas notícias acaba sendo uma boa notícia", diz.

Outro foco do mercado financeiro fica para o comunicado do Copom na próxima quarta-feira, 29. Como a autarquia contratou na última reunião duas novas altas de 1 ponto porcentual, o mercado aguarda mesmo pistas de um novo forward guidance. "Será um forward guidance no plural? No singular? Ou vai sumir? Existe ansiedade também sobre as atualizações quanto às projeções de inflação no cenário de referência do BC", afirma Cunha, da BGC Liquidez.

O JPMorgan afirmou, em relatório, que o balanço de riscos do Banco Central parece inclinado para a necessidade de um aperto monetário mais agressivo do que o cenário-base do banco americano, de um juro básico terminal a 15,25%, assume. Contudo, "uma taxa Selic de 15,25% já seria a taxa de política monetária mais alta em quase 20 anos, resultando em uma taxa real ex-post de cerca de 10%, o que provavelmente é bastante restritivo, e o BC pode optar por esperar um pouco mais para ver o impacto desse aperto", pondera.

O JP diz também que as estimativas do BC para a inflação, que devem ser atualizadas na próxima semana, devem permanecer acima da meta de 3% pelo menos até o terceiro trimestre de 2026.

Pesquisa do Projeções Broadcast estima que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - 15 (IPCA-15) deve cair 0,01% em janeiro (mediana), ante alta de 0,34% em dezembro. Já a média dos núcleos deve acelerar de 0,41% para 0,53%.

A taxa de depósito interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 caiu para 14,920%, de 14,958% no ajuste anterior. O DI para janeiro de 2027 cedeu para 15,165%, de 15,171%, e o para janeiro de 2029 recuou para 14,995%, de 15,036%. (Caroline Aragaki - caroline.aragaki@estadao.com)

[Volta](#)